

Telmo Mória

SOBRE CLASSES SEMÂNTICAS DE ADJECTIVOS

"(...) we distinguish five subcategories of AP represented lexically by *tiny*, *Chinese*, *skillful*, *fake*, and *alleged*."

KEENAN & FALTZ 1980, *A New Approach to Quantification in Natural Language*

0. NOTA PRÉVIA

O comportamento semântico das expressões que se agrupam sob a designação tradicional de adjectivos está - como frequentemente se tem feito notar - longe de ser homogéneo. Com vista a dar conta da diversidade de comportamentos dentro desta classe tradicional de palavras, têm surgido na literatura diferentes propostas de classificação, mais ou menos complexas, em que se distinguem várias classes e subclasses de adjectivos. O presente trabalho pretende ser uma reflexão sobre algumas destas propostas, designadamente as apresentadas em KEENAN & FALTZ 80 e ÅQVIST 81. As classes semânticas que aqui irão ser analisadas resumem-se, pois, às consideradas nos textos referidos, o que obviamente não significa que se exclua a hipótese de existirem outras classes de expressões adjectivais.

Os objectivos desta reflexão foram fundamentalmente os seguintes: apresentar de forma ordenada ideias, problemas e soluções relativas à classificação de adjectivos em tipos semânticos distintos, o que significou, por vezes, reunir informações que surgem dispersas nos vários autores; comentar essas mesmas ideias, problemas e soluções quer através do contraste de opinião dos autores quer da minha reflexão pessoal (o que levou, por exemplo, a detectar várias possibilidades de leitura com adjectivos que designam propriedades físicas escalares, como *alto*); adaptar ao Português os argumentos e os testes que estão na base da criação das tipologias de adjectivos e, ainda, encontrar na nossa língua exemplos característicos de cada subclasse considerada. Com tudo isto, pretendeu-se essencialmente apresentar um trabalho introdutório que possa funcionar como uma primeira aproximação à semântica dos adjectivos.

1. UM PONTO DE PARTIDA: A TIPOLOGIA DE ADJECTIVOS DE KEENAN & FALTZ 80

Em KEENAN & FALTZ 80 (*A New Approach to Quantification in Natural Language*) é apresentada uma tipologia de expressões adjectivais em que se considera a existência de cinco classes distintas de expressões deste tipo (cf. citação em epígrafe). Estas classes são obtidas a partir de diferentes combinações de quatro traços subcategorizadores ("subcategorization features"), a saber: [+ intersecting], [+ ransparent], [+ restricting] e [+ negative restricting] (que traduzirei respectivamente por [+ intersectivo], [+ transparente], [+ restritivo] e [+ anti-restritivo]). O quadro que a seguir se apresenta mostra como se faz a diferente combinação de traços em cada uma das classes consideradas.

(1)

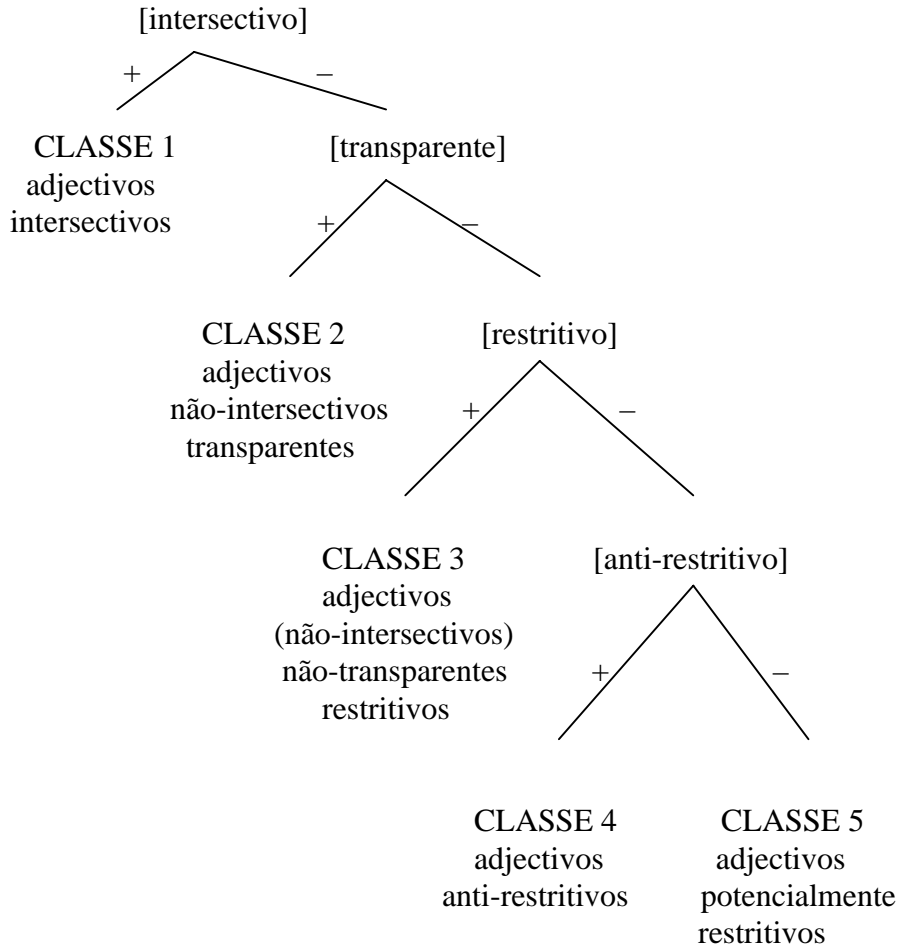
TRAÇOS CLASSE: "REPRESENTANTE"	[± int.]	[± tr.]	[± rest.]	[± anti-rest.]
1: <i>Chinese (chinês)</i>	+	+	+	-
2: <i>tiny (minúsculo)</i>	-	+	+	-
3: <i>skillful (habilidoso)</i>	-	-	+	-
4: <i>fake (falso)</i>	-	-	-	+
5: <i>alleged (presumível)</i>	-	-	-	-

Com base no nome dos traços utilizados em KEENAN & FALTZ 80, definirei a seguinte nomenclatura portuguesa para designar as várias classes consideradas (que será, no essencial, a que utilizarei ao longo do presente trabalho):

- (i) **adjectivos intersectivos** - aqueles que possuem o traço [+ intersectivo], ou seja, os adjectivos da classe 1 representada no quadro - vs. **adjectivos não-intersectivos** - todos os outros;
- (ii) **adjectivos transparentes** - aqueles que possuem o traço [+ transparente], ou seja, todos os adjectivos intersectivos e um subgrupo dos não-intersectivos, que podemos designar por **adjectivos não-intersectivos transparentes** (classe 2) - vs. **adjectivos não-transparentes** - todos os outros;
- (iii) **adjectivos restritivos** - aqueles que possuem o traço [+ restritivo], ou seja, todos os transparentes e um subgrupo dos não-transparentes, que podemos designar **adjectivos (não-intersectivos) não-transparentes restritivos** (classe 3) - vs. **adjectivos não-restritivos** - todos os outros;
- (iv) **adjectivos anti-restritivos** - subgrupo dos adjectivos não-restritivos que possuem o traço [+ anti-restritivo] (classe 4).
- (v) **adjectivos potencialmente restritivos** (designação alternativa a **adjectivos não-restritivos não-anti-restritivos**) - subgrupo dos adjectivos não-restritivos que não possuem o traço [+ anti-restritivo] (classe 5).

Segue-se um esquema em que se representa a informação contida no quadro (1), eliminando algumas especificações redundantes, e em se incorporam as designações escolhidas para cada classe.

(2)



A cada um dos traços subcategorizadores dos predicados adjetivais será dedicada uma secção deste trabalho. Antes de passarmos a uma análise individual mais detalhada, observaremos alguns exemplos que ilustram as diferenças de comportamento semântico mais relevantes entre os membros de cada uma das classes que estes traços definem. Para cada subclasse de adjetivos será apresentada uma sequência de frases, contendo uma oração (conclusiva) introduzida por *logo*, em que a possibilidade ou impossibilidade (marcada através do símbolo *) de inferir a verdade da oração conclusiva a partir da verdade das orações precedentes distingue cada subclasse de adjetivos.

• Adjectivos intersectivos:

O Paulo é um médico chinês. O Paulo é um escritor. Logo, o Paulo é um escritor chinês.

• Adjectivos não-intersectivos:

O Paulo é um médico habilidoso. O Paulo é um político. *Logo, o Paulo é um político habilidoso.

• Adjectivos transparentes:

O Paulo é um basquetebolista baixo. Todos os basquetebolistas são jóqueis e todos os jóqueis são basquetebolistas. Logo, o Paulo é um jóquei baixo.

(raciocínio questionável, como veremos na secção 3, válido apenas se houver uma interpretação extensional dos nomes *basquetebolista* e *jóquei*, que não é provavelmente a mais natural)

- Adjectivos não-transparentes:

O Paulo é um basquetebolista habilidoso. Todos os basquetebolistas são jóqueis e todos os jóqueis são basquetebolistas. *Logo, o Paulo é um jóquei habilidoso.

- Adjectivos restritivos:

O Paulo é um filantropo chinês. Logo, o Paulo é um filantropo.

- Adjectivos não-restritivos:

O Paulo é um falso filantropo. *Logo, o Paulo é um filantropo.

O Paulo é um presumível assassino. *Logo, o Paulo é um assassino.

- Adjectivos anti-restritivos:

O Paulo é um falso filantropo. *Logo, o Paulo é um filantropo.

O Paulo é um falso filantropo. Logo, o Paulo não é um filantropo.

- Adjectivos potencialmente restritivos:

O Paulo é um presumível assassino. *Logo, o Paulo é um assassino.

O Paulo é um presumível assassino. *Logo, o Paulo não é um assassino.

A distinção entre as várias classes de adjectivos consideradas coloca questões interessantes, e por vezes complexas, a vários níveis. Generalizando, diria que se põem fundamentalmente dois problemas - um **problema conceptual**, que tem a ver com a definição sintáctico-semântica de cada uma das classes, e um **problema de identificação**, isto é, de saber, face a uma forma adjectival concreta, qual a classe a que ela pertence (trata-se, no fundo, de determinar as propriedades semânticas e sintácticas de cada classe e encontrar testes adequados que funcionem como instrumentos de identificação dessas propriedades).

Ao longo de cada uma das secções, irei ocupar-me de três questões concretas associadas a estes problemas de carácter geral (a primeira associada ao problema conceptual e as outras duas ao problema de identificação). Estas questões, frequentemente abordadas na literatura, são as seguintes:

(i) No plano semântico: a questão de saber que **tipo de denotação** está associada aos adjectivos de cada uma destas classes. Terão ou não o mesmo tipo de denotação, isto é, corresponderão ou não a funções do mesmo tipo? A faceta sintáctica desta questão será saber se estamos ou não perante uma mesma categoria sintáctica (funcional).

(ii) No plano semântico, ainda: a questão de saber quais as **propriedades inferenciais** associadas a cada uma das classes em questão. Veremos que a validade ou invalidade de determinados esquemas inferenciais poderá funcionar como um teste seguro de identificação da classe de pertença dos adjectivos.

(iii) No plano sintáctico: a questão de saber quais as **propriedades distribucionais** destas duas classes de adjectivos, de averiguar, concretamente, se existem contextos sintácticos exclusivos de alguma delas, que permitam elaborar testes sintácticos de identificação. Concluiremos que, apesar de existirem algumas particularidades distribucionais nas duas classes, não parecem existir testes de base sintáctica realmente seguros para distinguir os adjectivos dos vários tipos.

2. ADJECTIVOS INTERSECTIVOS E NÃO-INTERSECTIVOS

Como referimos anteriormente, o traço [\pm intersectivo] permite dividir os predicados adjetivais em duas classes distintas: os adjectivos intersectivos, de que é exemplo o adjectivo *chinês*, e os adjectivos não-intersectivos, de que são exemplo adjectivos como *baixo*, *habilidoso*, *falso* e *presumível*.

No que respeita a estas duas classes de expressões adjetivais, as questões (i) a (iii), acima formuladas, são particularmente complexas. Começando pela primeira destas questões, depara-se-nos desde logo a controvérsia relativa ao tipo de denotação que se pressupõe estar associado a adjectivos intersectivos e não-intersectivos. Trata-se de uma questão que tem suscitado divergências entre os vários autores, os quais se encontram divididos basicamente em duas posições distintas: uma posição separadora, considerando que as denotações destas duas classes adjetivais são perfeitamente distintas e, portanto, que cada uma pertence a um tipo lógico distinto (e conseqüentemente, a uma categoria sintáctica distinta); uma posição unificadora, considerando que ambas as classes têm o mesmo tipo de denotação e pertencem, portanto, ao mesmo tipo lógico (e á mesma categoria sintáctica), residindo noutros aspectos semânticos a diferença entre elas.

A posição separadora, cuja análise apresentarei em seguida, é defendida, por exemplo, em SIEGEL 76 e em DOWTY, WALL & PETERS 81. Para estes autores, adjectivos intersectivos e não-intersectivos pertencem a distintos tipos semânticos e distintas categorias sintácticas, sendo a classe tradicional dos adjectivos, em boa verdade, uma etiqueta que designa duas realidades sintáctico-semânticas diferentes.

Para estes autores, um adjectivo intersectivo corresponde a um predicado unário, sendo uma expressão que extensionalmente, ou numa lógica intensional que adopte o sistema simplificado de Bennett (cf. DOWTY, WALL & PETERS 81, p. 188), denota um conjunto de indivíduos ou uma função característica de um conjunto de indivíduos, pertencendo, pois, ao tipo lógico (e,t)¹. De um ponto de vista sintáctico, trata-se de uma expressão da categoria F/SN, isto é, uma expressão que se combina com um sintagma nominal (SN) para formar uma frase (F). Tomemos como exemplo o adjectivo intersectivo *chinês* e o nome comum *médico* e consideremos duas situações: (a) o adjectivo ocorre imediatamente adjacente ao nome, na posição tradicionalmente dita atributiva, e (b) o adjectivo ocorre à direita de um verbo copulativo, na posição tradicionalmente dita predicativa. Na primeira situação, temos expressões complexas como *médico chinês*. A denotação de uma expressão como esta, em que se combinam dois predicados que denotam extensionalmente conjuntos de indivíduos, será, também extensionalmente, a intersecção entre os conjuntos denotados por cada um dos predicados isoladamente. Ou seja, se M representar o conjunto dos indivíduos denotados pelo nome *médico*, C, o conjunto dos indivíduos denotados pelo adjectivo *chinês*, e MC, o conjunto dos indivíduos denotados pela expressão complexa *médico chinês*, verifica-se que: $MC = M \cap C$. A tradução da expressão *médico chinês* para a lógica do tipo usado em MONTAGUE 73 seria a seguinte:

$$(3) \text{ médico chinês} \Rightarrow \lambda x [\text{médico}'(x) \wedge \text{chinês}'(x)]$$

¹ Em SIEGEL 76, que utiliza uma lógica intensional, corresponde ao tipo (s,(e,t)) (cf. designações de tipos lógicos usadas em MONTAGUE 73).

Note-se que esta expressão da linguagem lógica só poderia ser obtida no sistema formal de Montague - considerando agora a sua apresentação em DOWTY, WALL & PETERS 81 - ou com a regra de tradução de SN's com relativas T3 (cf. p. 213) ou com a regra de tradução da coordenação copulativa de predicados unários (no caso de DOWTY, WALL & PETERS 81, verbos intransitivos) T12a (cf. p. 200). Seria, pois, necessário considerar, neste sistema, que a expressão em causa constitui uma redução ou de uma estrutura nominal com uma relativa - *médico que é chinês* - ou de uma estrutura de coordenação - *médico e chinês* -, pois não é possível combinar por aplicação funcional directa duas expressões de tipo (e,t). Em SIEGEL 76, adopta-se explicitamente a primeira destas estratégias. A autora considera que as expressões em que um adjetivo intersectivo ocorre em posição atributiva são derivadas a partir de estruturas nominais com relativas sobre as quais actuou uma regra de supressão do morfema relativo e do verbo copulativo, com anteposição (em Inglês) do adjetivo ao nome. Esta regra (de tipo transformacional), designada pela autora *t//e adjective fronting rule*, tem a seguinte formulação (cf. p. 55):

$$(4) \text{CN}_1 \{ \text{that/which/who} \} \text{ be ADJ}_{t//e} \rightarrow \text{ADJ}_{t//e} \text{CN}_1^2$$

Chinese doctor seria, assim, neste sistema, uma expressão derivada de *doctor who is Chinese*, tal como em Português *médico chinês* derivaria de *médico que é chinês*.

No caso de os adjetivos intersectivos ocorrerem em posição predicativa, por exemplo à direita de um verbo copulativo, como na frase *este médico é chinês*, a sua caracterização sintáctico-semântica não apresenta qualquer problema neste sistema. O adjetivo intersectivo *chinês* - expressão da categoria F/SN - combina-se agora directamente, em conjunto com o verbo copulativo (junção que terá de ser representada através de uma regra sintáctica específica), com a expressão da categoria SN *este médico* para formar a frase.

Quanto aos adjetivos não-intersectivos, os autores que defendem a posição separadora distinguem-nos dos intersectivos considerando que se trata de expressões que denotam, novamente de um ponto de vista meramente extensional, funções de conjuntos de indivíduos para conjuntos de indivíduos - tipo lógico ((e,t),(e,t))³. Sintacticamente, são expressões que se combinam com nomes comuns (NC) para formar novos nomes comuns - categoria sintáctica NC/NC -, ou seja, aquilo que em DOWTY, WALL & PETERS 81 se chama "predicate modifiers" ("modificadores de predicados") (cf. p. 94).

Tomemos agora como exemplo o adjetivo não-intersectivo *competente* e o mesmo nome comum *médico* e consideremos as mesmas duas situações que considerámos para os adjetivos da classe anterior, isto é, (a) o adjetivo ocorre em posição atributiva e (b) o adjetivo ocorre em posição predicativa. A primeira situação é ilustrada por uma expressão complexa como *médico competente*. Ao contrário do que acontecia no caso anterior, não temos já aqui um conjunto denotado pelo predicado adjectival que intersecte o conjunto denotado pelo nome. Este facto corresponde à ideia intuitiva de que não existe um conjunto de entidades competentes em absoluto, mas que a propriedade da competência é sempre relativa a determinada outra propriedade. Isto é, não se é competente em absoluto, mas tão-só competente enquanto médico, professor, pai, funcionário, etc. De um ponto de vista formal, esta ideia é captada através do tratamento

² CN está por "common noun"; ADJ_{t//e} representa os adjetivos de tipo intersectivo.

³ Em SIEGEL 76, ((s,((s,e),t)),((s,e),t))

do adjectivo não-intersectivo como uma função que se aplica ao conjunto denotado por um dado nome comum - neste caso, *médico* - para dar um outro conjunto, correspondente à expressão composta nome-adjectivo - neste caso, *médico competente*. Sintacticamente, estamos perante um caso de aplicação directa do adjectivo - categoria CN/CN - ao nome - CN - para formar um nome modificado - CN. A tradução de uma expressão como *médico competente* para uma lógica do tipo da usada em MONTAGUE 73 seria a seguinte (caso fosse adequado um tratamento extensional do adjectivo):

$$(5) \text{ médico competente} \Rightarrow \lambda x [\text{competente}' (\text{médico}')]]$$

Se considerarmos agora a situação em que os adjectivos deste tipo ocorrem na chamada posição predicativa, como na frase *este médico é competente*, depara-se-nos o seguinte problema. O tratamento dos adjectivos não-intersectivos como expressões da categoria CN/CN exige que eles se combinem sempre com expressões da categoria CN. Ora, no contexto em análise, não existe qualquer expressão com essas características junto ao adjectivo e, no entanto, a frase é gramatical. Este problema levou à proposta de que frases como estas são derivadas a partir de outras por apagamento de um nome adjunto ao adjectivo. Podemos ver esta ideia implementada na seguinte regra (transformacional) de SIEGEL 76, denominada *dummy CN deletion rule* (cf. p. 54):

$$(6) \text{ be a } [\text{ADJ}]_{\text{CN/CN}} \text{ CN} \rightarrow \text{be } [\text{ADJ}]_{\text{CN/CN}}^4$$

This doctor is competent seria assim uma frase derivada de *this doctor is a competent doctor*, tal como *este médico é competente* derivaria, no Português, de *este médico é um médico competente*.

Como verificámos, a posição dos autores que consideram que as denotações dos adjectivos intersectivos e não-intersectivos são essencialmente distintas, sendo os primeiros expressões do tipo (e,t) e os segundos expressões do tipo ((e,t),(e,t)), pressupõe a existência de duas regras sintácticas específicas, a saber: uma regra do tipo "simplificação de relativa" (como (4), acima), para dar conta dos casos em que adjectivos intersectivos ocorrem em posição atributiva, e (ii) uma regra do tipo "apagamento de nome" (como (6), acima), para os casos em que adjectivos não-intersectivos ocorrem em posição predicativa. Nos restantes casos, actuam regras de aplicação funcional directa. As regras necessárias para dar conta da ocorrência de adjectivos das duas classes em cada uma das posições sintácticas consideradas são, portanto, as que aparecem no seguinte quadro:

(7)

	adjectivos intersectivos	adjectivos não-intersectivos
posição atributiva	regra de simplificação de relativa	aplicação directa
posição predicativa	aplicação directa (+ verbo copulativo)	regra de apagamento de nome

Consideremos agora a posição dos autores que assumem que os adjectivos destas duas classes são expressões do mesmo tipo sintáctico e semântico, que surge, por

⁴ $[\text{ADJ}]_{\text{CN/CN}}$ representa os adjectivos de tipo não-intersectivo.

exemplo, em KEENAN & FALTZ 80 e ÅQVIST 81. Estes autores divergem basicamente dos anteriores no tratamento que dão aos adjectivos intersectivos, já que para eles também estes adjectivos são expressões do tipo ((e,t),(e,t)), ou seja, "modificadores de predicados" (no sentido de DOWTY, WALL & PETERS 81). Citando ÅQVIST 81: "adjectives rather perform the function of building up complex common nouns (...); their use is essentially what is known as an *attributive* or *noun modifier* use (...)" (p. 9).

A ideia geral que subjaz a esta hipótese pode ser captada facilmente em ÅQVIST 81. Este autor consegue apresentar um tratamento semântico uniforme para a classe tradicional dos adjectivos, recorrendo à incorporação, no conjunto das expressões básicas da categoria nome comum, de um elemento T ("read as "entity", "object", "individual" or whatnot" (p. 6)), que vai funcionar como o elemento modificado pelo adjectivo intersectivo em todos os contextos em que ele ocorre. Trata-se de um elemento geralmente nulo, mas subentendível. Assim, por exemplo, a frase *este médico é chinês*, em que temos um uso predicativo do adjectivo intersectivo, seria equivalente à frase *este médico é um ser chinês*, por actuação da seguinte regra de equivalência (cf. ÅQVIST 81, p. 9):

$$(8) A(x) \leftrightarrow AT(x)$$

Note-se que esta regra tem efeitos semelhantes à regra de apagamento *dummy CN deletion rule*, dada em (6), que SIEGEL 76 adopta para dar conta dos usos predicativos de adjectivos não-intersectivos.

No sistema de ÅQVIST 81, pressupomos a existência do elemento nulo T também no caso dos usos atributivos dos adjectivos intersectivos, como na expressão *médico chinês*. Veja-se a seguinte regra de equivalência (ÅQVIST 81, p. 18):

$$(9) AN(a) \leftrightarrow (N(a) \& AT(a))$$

A expressão *médico chinês*, que no sistema anterior resultava de um processo de aplicação funcional directa, aparece pois aqui como equivalente à expressão mais complexa *médico que é um ser chinês*.

Como vemos, a diferença essencial introduzida por estes autores situa-se ao nível do tratamento dos adjectivos intersectivos. Incorporam-se regras de equivalência, que se poderia fazer corresponder a regras de supressão de um elemento nominal (de características especiais), em ambos os usos dos adjectivos intersectivos. O quadro equivalente a (7) para os autores que assumem uma posição unificadora no tratamento dos adjectivos intersectivos e não-intersectivos aparece, assim, um pouco mais complexo na primeira coluna.

(10)

	adjectivos intersectivos	adjectivos não-intersectivos
posição atributiva	regra de simplificação de relativa regra de apagamento de nome (T)	aplicação directa
posição predicativa	regra de apagamento de nome (T)	regra de apagamento de nome

A vantagem principal que este sistema traz - e que parece justificar esta complexificação - é o facto de tornar possível a atribuição de um único tipo de denotação às expressões da classe tradicional dos adjetivos. Estas passam a poder ser entendidas como instâncias da mesma categoria sintáctica e do mesmo tipo semântico. Trata-se de uma unificação importante, que tem o apoio de toda a tradição gramatical das línguas ocidentais (românicas, germânicas e outras). Quanto às desvantagens, creio que o principal problema que se pode pôr é o facto de existirem nalgumas línguas, mesmo ocidentais, como o Inglês, certos adjetivos que nunca podem ocorrer em posição atributiva. Isto significa que não são parafraseáveis por expressões em que o elemento T esteja expresso e, portanto, não podem funcionar nunca abertamente como modificadores. SIEGEL 76 apresenta uma lista de adjetivos do Inglês que têm este comportamento (cf. p. 179). Como exemplo, considemos o adjectivo *alive*, ilegítimo em frases como (12) e (13) abaixo.

- (11) This animal is alive.
- (12) *This animal is an alive entity.
- (13) *This alive animal ate the food.

É evidente que esta restrição de natureza sintáctica não é extensível ao adjectivo *vivo*, correspondente de *alive* em Português, tal como não o é, aliás, a nenhum dos adjectivos portugueses correspondentes aos apresentados na lista de SIEGEL 76. Parece, pois, que estamos perante uma restrição específica de um subgrupo restrito de adjectivos da língua inglesa (que eventualmente poderá existir para alguns adjectivos de outras línguas), que não justifica, por si só, a abandono de um tratamento unificado - sempre preferível - das expressões adjectivais. Creio que uma forma adequada (e de óbvia motivação semântica) de dar conta destes casos excepcionais, mantendo o tratamento unificado de ÅQVIST 81, seria estipular, como mera restrição sintáctica inerente ao subgrupo de adjectivos em causa, que o elemento T - presente no plano semântico - é, em presença destes adjectivos, obrigatoriamente nulo. Em consonância com o que ficou dito, adoptarei doravante este tratamento unificado.

Passemos agora à segunda das questões atrás enumeradas, isto é, à questão das propriedades inferenciais associadas às duas classes de adjectivos, que nos permitem proceder à identificação da classe de pertença de cada expressão adjectival. Recorreremos, mais uma vez, a ÅQVIST 81, onde são apresentadas três fórmulas que o autor considera válidas para todos os adjectivos intersectivos - e apenas para eles - e que representam possivelmente as suas únicas propriedades inferenciais distintivas. As fórmulas (onde A, N e T representam respectivamente adjectivos, nomes e o tipo de nome nulo considerado em ÅQVIST 81, a que atrás fizemos referência) são as seguintes:

- (14) $A(x) \leftrightarrow AT(x)$ (p. 9)
- (15) $AN(a) \leftrightarrow (N(a) \& AT(a))$ (p. 18)
- (16) $\forall x (N_1(x) \rightarrow N_2(x)) \rightarrow \forall x (AN_1(x) \rightarrow AN_2(x))$ (p. 18)

Estas fórmulas do Cálculo de Predicados permitem-nos identificar os adjectivos intersectivos e distingui-los dos adjectivos não-intersectivos, na medida em que só para os primeiros elas são válidas. Assim, perante um dado adjectivo, basta verificar se cada uma destas fórmulas é válida para ele para determinar se se trata ou não de um adjectivo intersectivo. Por forma a mais facilmente realizar este teste, podemos recorrer a uma

metalinguagem em que se utilizam expressões e frases da língua natural. Assim, por exemplo, começando com a primeira fórmula - (14) -, obtemos um teste com a seguinte formulação:

- (17) Se a verdade de uma frase com a forma de (17)(i) implica a verdade de uma frase com a forma de (17) (ii), então o adjectivo que nelas ocorre é intersectivo. Caso contrário, é não-intersectivo.
- (17) (i) SN é⁵ ADJ.
(ii) SN é um ser/indivíduo ADJ.

Esta propriedade dos adjectivos intersectivos já havia sido detectada em KEENAN & FALTZ 80, como mostra o seguinte excerto, em que se põem em confronto o adjectivo intersectivo *Chinese* e o adjectivo não-intersectivo *tiny*: "of course *John is tiny* in this system does not entail *John is a tiny existent*, whereas the argument is valid if *tiny* is replaced by *Chinese* (...)" (p. 229).

A partir da segunda fórmula - (15) -, e recorrendo à mesma metalinguagem, obtemos o seguinte teste:

- (18) Se a verdade de uma frase com a forma de (18)(i) implica a verdade de frases como (18)(ii)-(iii) e vice-versa, então o adjectivo que nelas ocorre é intersectivo. Caso contrário, é não-intersectivo.
- (18) (i) SN é um N ADJ.
(ii) SN é (um) N.
(iii) SN é (um ser) ADJ.

Esta outra propriedade inferencial associada aos adjectivos intersectivos também já havia sido notada em KEENAN & FALTZ 80: "(...) functions (...) which interpret *Chinese* are required to be *+intersecting*. This condition says in effect that a Chinese anything is absolutely Chinese, that is a Chinese existent. Whereas a tiny something need not be a tiny existent. Whence it follows in this system that if John is Chinese and John is a mathematician than John is a Chinese mathematician, but the analogous argument is not valid if *Chinese* is replaced by *tiny*." (p. 229).

Por último, a terceira fórmula - (16) -, que representa uma outra propriedade específica dos adjectivos intersectivos (aquilo que, traduzindo e adaptando uma expressão de ÅQVIST 81 (cf. p. 23), poderíamos chamar de **extensionalidade forte**), permite-nos construir um teste com a seguinte formulação:

- (19) Se a verdade de uma frase com a forma de (19)(i) implica a verdade de uma frase como (19)(ii), então o adjectivo que nelas ocorre é intersectivo. Caso contrário, é não-intersectivo.
- (19) (i) Todos os N₁ são N₂.
(ii) Todos os N₁ ADJ são N₂ ADJ.

Uma variante deste teste é:

- (20) Se a verdade de frases com a forma de (20)(i)-(iii) implica a verdade de uma frase como (20)(iv), então o adjectivo que nelas ocorre é intersectivo. Caso contrário, é não-intersectivo.

⁵ Em certos casos, poderá ser necessário utilizar o verbo copulativo *estar*.

- (20) (i) SN é (um) N₁.
- (ii) SN é (um) N₂.
- (iii) SN é um N₁ ADJ.
- (iv) SN é um N₂ ADJ.

Esta última propriedade inferencial é também referida em SIEGEL 76, que formula com base nela o seguinte teste para identificar adjectivos não-intersectivos (que constitui uma variante de (20)):

(21)

"If, for some CN₁ and CN₂, and for some noun phrase x and a determiner det_i, the sentences

- i. x is det_i CN₁
- ii. x is det_i CN₂
- iii. x is det_i ADJ_j CN₁.
- iv. x is not det_i ADJ_j CN₂.

are consistent, that is, they could all be true at once, then ADJ_j has a non-intersective reading (...)" (p. 4)

Passemos, por último, à terceira das questões atrás enumeradas, isto é a da descrição das propriedades distribucionais dos adjectivos intersectivos e não-intersectivos. Como foi referido, a questão que concretamente se coloca é a de saber se existem contextos específicos de alguma destas classes que possam funcionar como um meio seguro para a sua identificação.

Consideremos, em primeiro lugar, as posições atributiva e predicativa. Dada a caracterização sintáctico-semântica das duas classes de adjectivos, esperaríamos que elas estivessem em distribuição complementar nestas posições, ocorrendo os adjectivos não-intersectivos em posição atributiva e os adjectivos intersectivos em posição predicativa. Todavia, como tivemos oportunidade de verificar, tal não acontece, podendo a generalidade dos adjectivos de ambas as classes ocorrer indistintamente nas duas posições. Se supusermos que é a actuação de regras de tipo transformacional como as que transcrevemos em (4) e (6) que possibilita a ocorrência de adjectivos intersectivos e não-intersectivos nos contextos "não-esperados" para estas classes, tornando a sua distribuição sintáctica no essencial não-distinta, compreendemos bem a seguinte observação de SIEGEL 76: "the biggest problem with syntactic arguments about the categories of an adjective is that the dummy CN deletion rule and the t//e adjective fronting rule make each kind of adjective mimic the other's surface behavior." (p. 93).

Existem, todavia, alguns casos excepcionais de adjectivos que só podem ocorrer num dos contextos referidos - posição atributiva ou posição predicativa. A classe a que estes adjectivos pertencem pode ser determinada por mera observação da possibilidade da sua ocorrência numa das duas posições referidas, visto que são válidas as seguintes generalizações (formuladas em SIEGEL 76, pp. 53-54):

- (22) Os adjectivos que ocorrem exclusivamente em posição predicativa são sempre adjectivos intersectivos.
- (23) Os adjectivos que ocorrem exclusivamente em posição atributiva são sempre adjectivos não-intersectivos.

Os adjectivos que têm o comportamento referido em (22) são do tipo de *alive*, que, como já vimos, parecem não existir em Português. Já os adjectivos com o comportamento a que se alude em (23) representam um subgrupo importante dentro dos adjectivos não-intersectivos do Português (para o Inglês, ver listas de SIEGEL 76, p. 180). Procuremos enumerar alguns deles.

(i) *mero*, *simples* e *puro*, adjectivos que ocorrem geralmente em posição pré-nominal

Atente-se nos seguintes contrastes:

- (24) (i) Foi mero/simples/puro acaso.
(ii) *O acaso foi mero/simples/puro.

Importa salientar que os três adjectivos em causa não têm a função de avaliação qualitativa que tradicionalmente é associada às expressões adjectivais (cf. designação de "adjectivos qualificativos"), funcionando antes como uma espécie de operadores de exclusão. Compare-se (24)(i) com as seguintes frases:

- (25) (i) Foi meramente/simplesmente/puramente um acaso. (Nada mais.)
(ii) Foi só/apenas uma acaso. (Nada mais.)
(iii) Não foi mais que um acaso.

É possível que o valor semântico especial destes adjectivos se relacione de algum modo com a sua distribuição sintáctica peculiar.

(ii) *verdadeiro*, quando ocorre em posição pré-nominal com o valor que tem na frase (26)(i) abaixo

- (26) (i) Foi um verdadeiro milagre.
(ii) *O milagre foi verdadeiro.⁶

Este adjectivo tem um valor aproximável do do operador *mesmo*, não tendo também, portanto, a função de avaliação qualitativa tradicionalmente associada aos adjectivos. Veja-se:

- (27) (i) Foi mesmo um milagre.
(ii) Foi verdadeiramente um milagre.
(iii) Foi realmente um milagre.

(iii) *perfeito*, (?)*total* e (?)*completo* - o primeiro ocorre sempre em posição pré-nominal; os outros dois podem surgir em posição pré-nominal e pós-nominal

- (28) (i) Foi um perfeito disparate.
(ii) *O disparate foi perfeito.

Também estes adjectivos parecem representar não um valor de avaliação qualitativa característico dos adjectivos, mas valores de quantificação associados a predicados de tipo escalar.

(iv) *principal*, que ocorre pré e pós-nominalmente e que tem um valor superlativo intrínseco (= *mais importante*)

- (29) (i) Washington é a principal cidade americana.
(ii) *A cidade americana de Washington é principal.

⁶ Agramatical, tendo em conta o sentido pretendido para o adjectivo.

À parte os adjectivos referidos em (i)-(iv), em que o comportamento sintáctico especial pode de algum modo estar relacionado com valores semânticos específicos, têm também o comportamento referido em (23):

(v) (pelo menos alguns d)os adjectivos que ocorrem em posição pré-nominal e pós-nominal com sentidos diferentes, quando tomados no sentido que têm na posição pré-nominal - exs: *antigo, novo, pobre, belo, grande* (cf. CASTELEIRO 81, pp. 57-58)

- (30) (i) Ramalho Eanes era o antigo PR.
- (ii) *O PR Ramalho Eanes era antigo.

(vi) salvo contextos muito especiais, adjectivos que ocorrem em expressões complexas mais ou menos fixas, podendo, em muitos casos, ser parafraseados por um SP - é o caso de, por exemplo: *municipal*, em *decreto municipal* (=do município); *comunitário*, em *disposições comunitárias* (=da Comunidade); *empresarial*, em *participação empresarial* (=da empresa); *ambiental*, em *impacte ambiental* (=sobre o ambiente) (cf. CASTELEIRO 81, pp. 52-55)

Retomaremos agora a questão da possível existência de contextos específicos de alguma das classes de adjectivos com a análise de três construções sintácticas apresentadas em SIEGEL 76. Como verificámos, a simples ocorrência de um adjectivo numa posição atributiva ou predicativa não nos permite deduzir a sua classe semântica. No entanto, segundo SIEGEL 76, existem algumas construções sintácticas em que apenas podem ocorrer adjectivos de uma das classes, designadamente os intersectivos. Estas construções são apresentadas no texto referido através dos exemplos seguintes:

- (31) They've always wanted to meet {healthy/angry/naughty/aged} Carla. (p. 52)
- (32) There are two boxes ready on the table. (p. 76)
- (33) I {found/caught/saw/hired/bought/met} the swimmers nude. (p. 76)

A ser correcta a suposição de que só adjectivos intersectivos ocorrem nestas construções, seria possível elaborar com base nelas testes sintácticos para distinguir adjectivos intersectivos de adjectivos não-intersectivos, que assumiriam a seguinte forma:

- (34) (a) Se um dado adjectivo ocorre legitimamente na construção X, então ele é intersectivo.
- (b) Se a sua ocorrência não é legítima nessa construção X, então ele é não-intersectivo.

A formulação de (34) é equivalente à seguinte formulação, com recurso a uma condição de dupla implicação: um dado adjectivo é intersectivo se e só se puder ocorrer na construção X (e, por extensão, um dado adjectivo é não-intersectivo se e só se não puder ocorrer na construção X). Repare-se que só as duas cláusulas (34)(a) e (34)(b) em conjunto - ou a dupla implicação - garantem que o teste funciona verdadeiramente como um instrumento de distinção entre as duas classes. De outro modo, se, por exemplo, só (34)(a) é válido - ou se houver apenas uma implicação simples -, então o que obtemos é um teste de identificação parcial dos adjectivos intersectivos, que permite identificar um subgrupo deles, mas não a totalidade.

Parece-me que é esta situação de identificação parcial a que obtemos com a primeira construção sintáctica, ilustrada em (31). Aí, temos uma construção em que um adjectivo

ocorre imediatamente adjacente a um nome próprio e tem um valor não-restritivo. Em Português, seria a construção presente numa frase como a seguinte:

(35) Eu fui sempre um admirador do {famoso/valente} Napoleão.

Parece plausível a suposição de que neste contexto não podem ocorrer adjectivos não-intersectivos, já que, por definição, eles funcionam sempre como modificadores de expressões nominais comuns, situação que, neste contexto, não se verifica. De facto, constatamos que adjectivos que têm exclusivamente uma interpretação não-intersectiva, como por exemplo o adjectivo *provisório*, não podem ocorrer no contexto em causa.

(36) *Eu fui sempre um admirador do provisório Napoleão.

Por outro lado, adjectivos que têm duas interpretações possíveis - uma intersectiva e outra não-intersectiva - podem ser usados legitimamente neste contexto, mas têm aqui exclusivamente uma interpretação intersectiva. Um exemplo deste tipo de adjectivos é *famoso*. Este predicado é susceptível de ser interpretado de duas formas distintas, que correspondem às seguintes paráfrases: pode-se ser famoso enquanto médico, professor, violinista, etc., sendo que, neste caso, se pode ser simultaneamente médico e violinista e médico famoso sem se ser um violinista famoso (cf. teste (21)) (interpretação não-intersectiva); pode-se, por outro lado, ser famoso em termos gerais, isto é, simplesmente um indivíduo famoso (cf. teste (17)), independentemente de outras propriedades que eventualmente se possua (interpretação intersectiva). Parece-me claro que em (35) apenas podemos ter esta segunda interpretação. Quanto aos adjectivos que são exclusivamente intersectivos, creio que há alguns deles que não podem ocorrer - pelo menos, com plena legitimidade - no contexto que estamos a analisar. Os exemplos são:

(37) ??Eu fui sempre um admirador do {francês/sardento/calvo} Napoleão.

É o carácter marginal de frases como estas que me leva a pôr em causa a validade da cláusula (34)(b) - ou da dupla implicação - e o carácter de identificação total deste teste. No entanto, em termos gerais, parece-me que ele funciona de forma bastante satisfatória para identificar pelo menos parte dos adjectivos intersectivos do Português. O mesmo não se pode dizer dos testes relacionados com as construções ilustradas em (32) e (33). Tentarei demonstrar que estas construções "deixam passar" pelo menos alguns adjectivos não-intersectivos, pelo que não podem estar na base de testes verdadeiramente eficazes e seguros.

Na construção exemplificada em (32) temos um adjectivo em posição predicativa (veja-se que aparece em Inglês na posição pós-nominal) dependente do predicado verbal *there be*. Neste contexto, segundo SIEGEL 76 (cf.p. 76ss), é possível ocorrerem adjectivos intersectivos - como *ready* - (frase (38)(i)), mas não adjectivos não-intersectivos - como *temporary* (exemplo de SIEGEL 76) ou *competent* (exemplo nosso) (frases (38)(ii)-(iii)).

(38) (i) There are two boxes ready on the table. (p. 77)

(ii) *There are several teachers temporary in our department. (p. 79)

(iii) *There are several teachers competent in our department.

A adaptação deste teste ao Português apresenta algumas dificuldades. Em primeiro lugar, temos de garantir que o adjectivo vai ser interpretado como tendo uma função predicativa e não atributiva. É por isso necessário encontrar um meio de eliminar as possibilidades de

uma interpretação atributiva, que existem se fizermos uma tradução mais ou menos directa das frases do Inglês.

- (39) (i) Há duas caixas preparadas em cima da mesa.
- (ii) Há vários professores provisórios no departamento.
- (iii) Há vários professores competentes no departamento.

Um meio de eliminar a indesejada leitura atributiva é pronominalizar a expressão nominal. Em Português, mesmo com esta operação, temos frases que me parecem gramaticais com ambos os adjectivos (embora a pronominalização acusativa do complemento do verbo *haver* possa parecer algo estranha). Veja-se:

- (40) (i) Caixas, há-as preparadas em cima da mesa.
- (ii) ?Professores, há-os provisórios no departamento.
- (iii) Professores, há-os competentes no departamento.

Um outro meio de eliminar a leitura atributiva - separar o adjectivo da expressão nominal - dá também resultados gramaticais para ambos os adjectivos.

- (41) (i) Já preparadas, só há duas caixas.
- (ii) ?Provisórios, há no departamento vários professores.
- (iii) Competentes, há no departamento vários professores.

Verificamos, assim, sem necessidade de recorrer a outros exemplos ou outros argumentos, que o teste (34) não funciona quando estamos a considerar esta construção sintáctica.

Na última construção considerada em SIEGEL 76 (ilustrada em (33)), temos um adjectivo, também em posição predicativa, como o elemento nuclear de uma estrutura de tipo "small-clause" seleccionada por verbos como *find*, *catch*, *see*, *hire*, *buy* e *meet*. Os dois exemplos que a seguir se dão pretendem mostrar que, nas construções com os verbos equivalentes em Português, não é impossível a ocorrência de adjectivos não-intersectivos, o que invalida a formulação de um teste do tipo de (34) com base nesta construção.

- (42) (i) Eu conheci este carpinteiro habilidoso. Agora tem vindo a descuidar-se, ou a perder qualidades...
- (ii) Eu ainda {apanhei/conheci} o Paulo provisório no departamento. Só dois meses depois de eu entrar para a Faculdade é que ele passou a efectivo.

Em suma, quanto à questão das propriedades distribucionais de adjectivos intersectivos e não-intersectivos, verifica-se que, como afirmámos inicialmente, apesar de existirem algumas particularidades distribucionais nas duas classes - que são, sem dúvida, interessantes e sintomáticas da existência de diferenças entre elas - não parecem existir testes de base sintáctica seguros para distinguir adjectivos intersectivos de adjectivos não-intersectivos. Assim sendo, ficam-nos como instrumentos mais ou menos seguros de identificação os testes baseados nas propriedades inferenciais dos adjectivos. Serão eles também, podemos desde já adiantar, os instrumentos fundamentais para a detecção e caracterização das outras classes de adjectivos que tipologias mais detalhadas têm considerado e de que passarei a falar nas secções que se seguem.

3. ADJECTIVOS TRANSPARENTES E NÃO-TRANSPARENTES

Referimos na secção introdutória que o traço [\pm transparente] permitia distinguir duas subclasses dentro da classe dos adjectivos restritivos: (i) os adjectivos transparentes, que incluem todos os intersectivos (como *chinês*) e um subgrupo dos não-intersectivos (os adjectivos não-intersectivos transparentes, como *baixo* ou *minúsculo*); (ii) os adjectivos não-transparentes, que incluem os restantes adjectivos não-intersectivos restritivos (como *habilidoso*).

Os adjectivos transparentes são aqueles que denotam "funções transparentes", cuja definição é a seguinte:

(43) Uma função h de $D_{(e,t)}$ para $D_{(e,t)}$ é transparente sse para cada função k e j em $D_{(e,t)}$, se $k=j$, então $h(k) = h(j)$.

(adaptado de KEENAN & FALTZ 80, p. 259)

Os adjectivos transparentes caracterizam-se, portanto, por ser válida para eles a seguinte fórmula, que representa, nos termos de ÅQVIST 81, a propriedade da **extensionalidade fraca** (cf. p. 23):

(44) $\forall x (N_1(x) \leftrightarrow N_2(x)) \rightarrow \forall x (AN_1(x) \leftrightarrow AN_2(x))$
(ÅQVIST 81, p. 18)

A verificação da validade da fórmula (44) e a conseqüente identificação de adjectivos transparentes pode ser feita de uma forma simples, recorrendo à metalinguagem já utilizada na secção anterior, através de (45):

(45) Se a verdade de frases como (45)(i)-(ii) implica a verdade de uma frase como (45)(iii), então o adjectivo que nelas ocorre é transparente. Caso contrário, é não-transparente.

- (45) (i) SN é um N_1 ADJ.
(ii) Todos os N_1 são N_2 e todos os N_2 são N_1 .⁷
(iii) SN é um N_2 ADJ.

Exemplifiquemos com o adjectivo transparente *alto* e o não-transparente *habilidoso*.

- (46) (i) O Paulo é um jôquei {alto/habilidoso}.
(ii) Todos os jôqueis são basquetebolistas e todos os basquetebolistas são jôqueis.
(iii) O Paulo é um basquetebolista {alto/habilidoso}.

Estamos a assumir - de acordo com as definições de KEENAN & FALTZ 80 e ÅQVIST 81 - que a verdade de (46)(iii) pode ser inferida a partir da verdade de (46)(i)-(ii) se estivermos a utilizar o adjectivo *alto*, mas não se estivermos a utilizar o adjectivo *habilidoso*. Assim, um jôquei alto não é necessariamente um basquetebolista alto, mas se os jôqueis e os basquetebolistas forem exactamente os mesmos indivíduos, então esse jôquei alto já é necessariamente um basquetebolista alto. Pelo contrário, um jôquei habilidoso não é necessariamente um basquetebolista habilidoso, mesmo que o conjunto dos jôqueis e basquetebolistas seja idêntico. Creio que isto significa que a definição de

⁷ Uma variante para esta alínea pode ser: todos os N_1 são N_2 e apenas os N_1 são N_2 .

um predicado do tipo de *alto* admite que se tenha apenas em conta o conjunto de indivíduos denotado extensionalmente pelo nome com que o adjectivo se combina (donde a designação de **adjectivos extensionais** que por vezes se lhes aplica)⁸. Já para os adjectivos como *habilidoso* é necessário considerar sempre o nome numa perspectiva intensional, enquanto expressão que denota uma "propriedade de indivíduos". Neste caso, o adjectivo é obrigatoriamente uma expressão de tipo lógico ((s,(e,t)),(e,t)), um **adjectivo intensional**⁹.

O tratamento dos adjectivos que denotam propriedades físicas escalares - do tipo de *alto*, *baixo*, *gordo*, *magro*, *grande*, *pequeno*, etc. - como adjectivos transparentes ou extensionais (proposto em KEENAN & FALTZ 80) não é, no entanto, tão simples e incontroverso como à primeira vista pode parecer. Creio que a interpretação transparente que estamos a atribuir a estes adjectivos é uma interpretação possível, mas não é a única que este tipo de expressões adjectivais pode ter (e nem parece mesmo ser, nos casos analisados, a mais natural). Tentarei em seguida demonstrar que podemos atribuir a um adjectivo do tipo de *alto* até **três interpretações distintas, nomeadamente, intersectiva, não-intersectiva transparente e não-intersectiva não-transparente**, ou seja, que este adjectivo pode corresponder a uma expressão da classe 1, da classe 2 ou da classe 3 representadas no quadro (1) (p. 2) (e não apenas da classe que lhe atribuída em KEENAN & FALTZ 80).

Creio que, em determinados contextos, a interpretação preferencial de um adjectivo como *alto* é a de um adjectivo intersectivo. Tal acontece quando, por exemplo, este adjectivo aparece adjacente a um nome comum para a definição do qual não é considerada relevante (de um ponto de vista pragmático) a propriedade da altura. É o caso de nomes comuns como, por exemplo, *médico* ou *professor*. Esta relevância pragmática da propriedade para a definição do nome pode ser nestes casos testada através da colocação do adjectivo na seguinte construção:

(47) Para (um) N, SN é ADJ.

Se a frase obtida for considerada estranha (pragmaticamente), podemos concluir que a propriedade não é relevante. É o que acontece quando instanciamos N em (47) com os nomes comuns que acima referi. Veja-se:

- (48) (i) ?Para (um) médico, o Paulo é alto.
(ii) ?Para (um) professor, o Paulo é alto.

As frases que ilustram este contexto de interpretação preferencialmente intersectiva do adjectivo são, assim:

- (49)(i) O Paulo é um médico alto.
(49)(ii) O Paulo é um professor alto.¹⁰

⁸ Cf. KEENAN & FALTZ 80, p. 259:

"*The Transparency Condition*

Let X and Y both be extensional types (and thus for each d in either X or Y, d_j , the extension of d in j, is defined for each possible world j in J). Then a function f from X into Y is transparent iff for each d, g in X and each j in J, if $d_j = g_j$ then $(f(d))_j = (f(g))_j$."

⁹ Cf. PERES 87, pp. 26-27

¹⁰ Em frases em que o adjectivo surge em posição predicativa (não adjacente a um nome) e em que o Sujeito tem como núcleo um nome próprio ou um nome comum do tipo de *médico* ou *professor*, a

Creio que a interpretação mais natural para estas frases é aquela em que se quer significar que o Paulo é médico, ou professor, e um indivíduo (humano) alto (cf. fórmula (15) e teste (18))¹¹. Menos natural, embora também possível, é que se queira significar que o Paulo tem uma estatura acima daquela que se considera ser a estatura média das pessoas que têm a actividade de médico ou professor. Dada a interpretação que eu considero preferencial, o adjectivo tem um valor intersectivo, como se pode aliás mostrar recorrendo ao teste (18). Neste caso, é possível inferir (50)(iii) de (50)(i)-(ii):

- (50) (i) O Paulo é um médico alto.
- (ii) O Paulo é professor.
- (iii) O Paulo é um professor alto.

Nalguns outros contextos, a interpretação preferencial do adjectivo *alto* é a de um adjectivo não-intersectivo (transparente ou não-transparente). Esta situação verifica-se quando o adjectivo aparece adjacente a um nome comum para a definição do qual é considerada relevante a propriedade da altura. É o caso de nomes comuns como *jóquei* ou *basquetebolista*. Utilizando-os no contexto referido em (47), obtemos frases gramaticais adequadas do ponto de vista pragmático:

- (51) (i) Para (um) jóquei, o Paulo é alto.
- (ii) Para (um) basquetebolista, o Paulo não é alto.

Parece-me que, ao contrário do que acontecia no caso anterior, a interpretação preferencial - embora não-exclusiva - é agora aquela em que queremos significar que o Paulo tem uma estatura acima ou abaixo daquela que se considera ser a estatura média de jóqueis e basquetebolistas. Neste caso, o adjectivo tem um valor não-intersectivo, como se pode mostrar novamente através do teste (18). Veja-se que, de acordo com esta interpretação, não é possível inferir (52)(iii) de (52)(i)-(ii):

- (52) (i) O Paulo é um jóquei alto.
- (ii) O Paulo é basquetebolista.
- (iii) O Paulo é um basquetebolista alto.

Relativamente a esta interpretação não-intersectiva, colocam-se algumas questões referentes à transparência do adjectivo (cf. definição formal desta propriedade em (43)-(44)). Será que o adjectivo *alto* é um adjectivo verdadeiramente transparente (isto é, extensional, ou, nos termos de ÅQVIST 81, fracamente extensional) nesta sua interpretação não-intersectiva? E será que essa é a única interpretação possível ou ele

interpretação intersectiva do adjectivo parece-me também ser a preferencial. Vejam-se as seguintes frases que ilustram este tipo de contexto:

- (i) Este médico/professor é alto.
- (ii) O Paulo é alto.

¹¹ Nestes casos, teremos de pressupor na interpretação da frase a presença de um elemento nominal nulo do tipo do elemento T introduzido por ÅQVIST 81 (cf. fórmula (15)). Não se trata, neste caso, de um elemento nominal de referência não-restringida que abranja todas as entidades do universo. O domínio de referência deste elemento nominal só inclui, neste caso, as entidades que possuem o traço [+Humano]. Admitimos, assim, que o adjectivo *alto* nestes contextos pode designar o conjunto dos (seres humanos) altos. Esta possibilidade está obviamente dependente da existência de um nome com o traço [+Humano] à esquerda do adjectivo. Trata-se de uma simples restrição de selecção semântica que pode ser tida em conta na formulação das regras sintácticas aplicáveis à expressão.

pode ter também uma interpretação não-transparente (isto é, intensional)? Para responder a estas questões, convém imaginarmos uma situação como a que a seguir se descreve.

O Paulo tem 1,70m. Dado que a estatura média dos jóqueis é 1,50m, é verdade que o Paulo é um jóquei alto. O Paulo é também um basquetebolista. Mas, como a estatura média dos basquetebolistas é 1,90m, o Paulo é um basquetebolista baixo. Num dado momento do tempo, porém, por uma razão qualquer, passa a haver no mundo apenas três jóqueis, que são eles mesmos os únicos basquetebolistas do mundo: o Paulo, que tem um 1,70m, e dois outros indivíduos, de 1,50m e 1,55m.

Será que no momento do tempo em que esta situação se verifica é verdadeira a afirmação: *o Paulo é um basquetebolista alto*? Se considerarmos que a resposta é afirmativa, estamos a considerar que o adjectivo tem uma interpretação transparente (extensional). Para a definição da propriedade *basquetebolista alto* estamos a ter em conta, neste caso, apenas o conjunto de indivíduos que no intervalo de tempo em causa são denotados pelo predicado *basquetebolista*, ou seja, os três indivíduos referidos. Sendo assim, dado o universo de comparação, é verdade que o Paulo é um basquetebolista alto. No entanto, perante o contexto acima descrito, creio que é também possível (e mais natural) considerar que a afirmação que estamos a analisar é falsa. Isto acontece se para nós o conceito de basquetebolista alto não depender apenas do conjunto de indivíduos que num dado intervalo do tempo são denotados pelo nome *basquetebolista*, mas for definido em função da intensão desse nome. Assim, por exemplo, comparando diferentes intervalos de tempo (ou mundos possíveis), formulamos o nosso conceito de basquetebolista alto como um indivíduo que tem mais de 1,90m. Se num dado intervalo de tempo (ou mundo possível) não há basquetebolistas com essa estatura, então não há basquetebolistas altos. É isto o que acontece na situação que temos estado a imaginar. Esta seria a interpretação do adjectivo *alto* como um adjectivo não-transparente (intensional)¹².

Depreende-se do que ficou dito que a diferença essencial entre estas duas interpretações não-intersectivas do adjectivo resulta do facto de se tomar o nome a que o adjectivo se aplica - neste caso, *basquetebolista* e *jóquei* - como uma expressão que denota um conjunto de indivíduos - isto é, um objecto extensional - ou uma propriedade de indivíduos - um objecto intensional. A interpretação transparente do adjectivo *alto* é aquela que se obtém quando o adjectivo se aplica a uma expressão que denota um conjunto de indivíduos. Temo-la sempre que comparamos n indivíduos ou n objectos, considerando que são altos aqueles que têm estatura mais elevada dentro dessa classe de comparação¹³. É o que acontece, por exemplo, quando comparamos três indivíduos - o Paulo, o Pedro e o Luís - de 1,50, 1,55 e 1,70m respectivamente e concluimos que o Luís

¹² SIEGEL 76 (cf.pp.113-114) dá conta de um uso semelhante a este do adjectivo *tall*, mas, a meu ver impropriamente, considera que não se trata de um uso não-intersectivo.

¹³ Note-se então que um adjectivo como *alto*, na sua interpretação transparente, não pode combinar-se com um nome que denote o conjunto vazio ou um conjunto singular (visto que não há, nesse caso, termo de comparação), o mesmo não acontecendo com adjectivos como *habilidoso* ou *alto* na sua interpretação não-transparente. Assim, uma frase como *o Paulo é um jóquei alto* (numa interpretação transparente do adjectivo) só faz sentido se houver pelo menos dois jóqueis no índice temporal relevante. A mesma restrição não se aplica à frase *o Paulo é um jóquei habilidoso*, que continua a fazer pleno sentido mesmo que no índice temporal relevante haja um único jóquei.

é alto (relativamente ao Paulo e ao Pedro) ou quando comparamos duas jarras - jarra 1 e jarra 2 - de 40 e 60cm respectivamente e concluímos que a jarra 2 é alta e a jarra 1 é baixa¹⁴. Um caso particular desta situação é aquele em que o conjunto de indivíduos ou objectos que constitui a classe de comparação tem na língua um nome comum que o permite designar, como aconteceria nos casos acima referidos se o Paulo, o Pedro e o Luís fossem os únicos basquetebolistas, jóqueis, médicos, capitalistas ou partidários da Perestroika do mundo ou se as jarras 1 e 2 fossem as únicas jarras Ming existentes.

Em suma, como pudemos verificar, parecem existir três interpretações para os adjectivos (do tipo de *alto*) que denotam propriedades físicas escalares (e não apenas a que lhes é atribuída em KEENAN & FALTZ 80), havendo, de acordo com os contextos, interpretações preferenciais e não-preferenciais.

Podemos verificar ainda que alguns adjectivos do tipo de *habilidoso*, apresentados em KEENAN & FALTZ 80 como não-intersectivos e não-transparentes, também podem ter interpretações distintas, designadamente duas: de adjectivos intersectivos e de adjectivos não-intersectivos não-transparentes. A ambiguidade em causa foi notada em SIEGEL 76 (cf. pp. 2-3), onde se dão exemplos com o predicado adjectival *beautiful* em frases como *Marya is a beautiful dancer*. Esta frase, tal como a equivalente no Português *a Maria é uma bailarina maravilhosa*, pode ser interpretada de duas formas distintas: uma, parafraseável por "a Maria é maravilhosa {como/enquanto} bailarina", que corresponde a uma interpretação não-intersectiva do adjectivo (a meu ver, a mais natural); outra, parafraseável por "a Maria é bailarina e é uma pessoa maravilhosa", que corresponde a uma interpretação intersectiva do adjectivo. Este tipo de ambiguidade também se verifica - como acima referimos - com os predicados adjectivais do tipo de *alto*.

4. ADJECTIVOS RESTRITIVOS E NÃO-RESTRITIVOS

Todos os tipos de adjectivos que analisámos até agora têm em comum o traço [+ restritivo], ou seja, são aquilo que em KEENAN & FALTZ 80 se chama um "restricting adjective" (adjectivo restritivo). Estes adjectivos caracterizam-se por denotarem funções restritivas, cuja definição é a seguinte:

- (53) Uma função h de $D_{(e,t)}$ para $D_{(e,t)}$ é restritiva sse para cada função k em $D_{(e,t)}$ e cada indivíduo e no universo, se $[h(k)](e) = 1$, então $k(e) = 1$.
(adaptado de KEENAN & FALTZ 80, p. 261)

Os adjectivos restritivos caracterizam-se, portanto, por obedecerem à seguinte condição (ÅQVIST 81, p. 16):

- (54) $AN(a) \rightarrow N(a)$

¹⁴ Imagine-se uma situação em que em cima de uma mesa estão apenas duas jarras com os tamanhos referidos. Um falante que quisesse, por exemplo, identificar a localização de uma carteira situada perto da jarra de 60cm diria naturalmente uma frase como a seguinte:

- (i) A carteira está aí, ao pé dessa jarra alta.

É evidente que este uso do adjectivo *alto* não pressupõe a consideração da intensão do nome *jarra*, nem a definição de uma altura média para todas as jarras do mundo. Estamos perante uma análise perfeitamente extensional em que a definição de *alto* tem em conta apenas o conjunto denotado pelo nome a que o adjectivo se aplica (na parcela do universo relevante para a interpretação do discurso).

A verificação da validade desta fórmula e a consequente distinção dos adjectivos restritivos e não-restritivos pode ser feita, recorrendo à metalinguagem já anteriormente utilizada, através de (55):

(55) Se uma frase como (55)(i) implica a verdade de uma frase como (55)(ii), então o adjectivo que nelas ocorre é restritivo. Caso contrário, é não-restritivo.

(55) (i) SN é um N ADJ.

(ii) SN é um N.

Os adjectivos apresentados em KEENAN & FALTZ 80 como representantes das classes 1, 2 e 3 do quadro (1) são adjectivos restritivos, dado que com qualquer um deles é possível inferir uma frase do tipo de (56)(ii) a partir de uma frase do tipo de (56)(i):

(56) (i) O Jumbo é um elefante {chinês/minúsculo/habilidoso}.

(56) (ii) O Jumbo é um elefante.

Em termos conjuntistas, podemos dizer que o conjunto correspondente ao contradomínio de uma função definida por um adjectivo restritivo é um subconjunto do conjunto correspondente ao domínio dessa função. No caso concreto das frases acima apresentadas, o conjunto denotado pelas expressões *elefante chinês*, *elefante minúsculo* e *elefante habilidoso* é necessariamente subconjunto do conjunto denotado pela expressão *elefante*. Isto equivale a dizer que o predicado adjectival se combina com uma expressão nominal, restringindo-lhe o referente (modificando-a). Daí a designação de adjectivo restritivo.

Embora a maior parte dos adjectivos funcione provavelmente como um modificador nominal neste sentido¹⁵, alguns adjectivos há que não têm este comportamento. Trata-se dos adjectivos não-restritivos, agrupáveis em dois subtipos. É deles que falaremos nas subsecções que se seguem.

4.1. ADJECTIVOS ANTI-RESTRITIVOS

Um primeiro subtipo de adjectivos não-restritivos é o que inclui os chamados adjectivos anti-restritivos, isto é, adjectivos que denotam funções anti-restritivas, cuja definição é a seguinte:

(57) Uma função h de $D_{(e,t)}$ para $D_{(e,t)}$ é anti-restritiva sse para cada função k em $D_{(e,t)}$ e cada indivíduo e no universo, $[h(k)](e) = 1$, só se $k(e) = 0$.

Os adjectivos anti-restritivos caracterizam-se, portanto, por obedecerem à seguinte condição:

(58) $AN(a) \rightarrow \neg N(a)$

A verificação da validade desta fórmula e a consequente identificação das classes de adjectivos que ela permite distinguir - no caso, adjectivos anti-restritivos e não-anti-restritivos - pode ser feita também através de um teste como o seguinte:

¹⁵ Cf. AQVIST 81, p.22: "According to Kamp (1975) the vast majority of adjectives are affirmative [=restritivos, no presente texto], i.e., obey the law B14 [(54), no presente texto]; that is a very plausible thesis indeed."

- (59) Se uma frase como (59)(i) implica a verdade de uma frase como (59)(ii), então o adjetivo que nelas ocorre é anti-restritivo. Caso contrário, o adjetivo não pertence a esta classe.
- (59) (i) SN é um N ADJ.
(ii) SN não é um N.

O exemplo típico de um predicado adjectival com este comportamento é o adjetivo *falso*, cujo correspondente no Inglês é *fake*. Veja-se que a verdade da frase (60)(i) implica necessariamente a verdade de (60)(ii):

- (60) (i) Este quadro é um {falso Picasso/Picasso falso}.
(ii) Este quadro não é um Picasso.

Em termos conjuntistas, podemos afirmar que o conjunto correspondente ao contradomínio de uma função definida pelo adjetivo *falso* é necessariamente disjunto do conjunto correspondente ao domínio dessa função, ou, por outras palavras, que a intersecção desses dois conjuntos é vazia. Assim, o conjunto denotado por *falso Picasso* é necessariamente disjunto do conjunto denotado pelo nome *Picasso* (tomado como nome comum), o que significa que a expressão adjectival nunca restringe o referente da expressão nominal com que se combina e, neste sentido, é anti-restritiva.

Podemos considerar que uma parte importante do conteúdo semântico dos adjectivos anti-restritivos consiste precisamente neste valor de anti-restritividade, que é, no fundo, um valor lógico de negação (de pertença a uma classe). Por terem este valor, os adjectivos deste grupo aproximam-se de certos prefixos nominais de negação, como *não-*, em *não-violência*, ou *in-*, em *inverdade*. No entanto, os adjectivos anti-restritivos não são, ao contrário do que provavelmente acontece com estes prefixos, meros operadores lógicos (de negação). São unidades lexicais. Como tal, faz parte do seu conteúdo semântico uma série de valores lexicais específicos e intrínsecos, que os identifica e distingue. Verifica-se, por exemplo, considerando o adjetivo *falso*, que a verdade de uma expressão com a forma [falso N (a)] implica necessariamente a falsidade de [N(a)], mas implica também outras coisas, que podemos considerar como valores lexicais próprios da expressão, como, por exemplo, que "a" tem a aparência de N, ou pode ser confundido com N, isto é, que aparentemente [N(a)] é uma proposição verdadeira. A repercussão destas propriedades na definição formal da função que o predicado denota situa-se ao nível da estipulação, feita em (57), "[h(k)](e) = 1, só se k(e)=0". "k(e)=0" aparece como uma condição necessária, mas não suficiente para a verdade da proposição "[h(k)](e) = 1". Ou seja, concretamente, no nosso caso, nem tudo o que não é um Picasso é um falso Picasso. Um falso Picasso tem outras propriedades para além da de não ser um Picasso.

Outros exemplos de adjectivos desta classe são expressões com valores lexicais próximos (embora distintos) daquele que referimos ser o do adjetivo *falso*, como as que se seguem, acompanhadas de contextos exemplificativos:

- *aparente*, em *arrepentimento aparente* ou *problema aparente*
- *imaginário*, em *obstáculos imaginários* ou *problemas imaginários*
- *ilusório*, em *obstáculos ilusórios*
- *fictício*, em *obstáculos fictícios*
- *irreal*, em *problemas irrealis* ou *obstáculos irrealis*
- *simulado*, em *incêndio simulado*

Certos usos dos adjectivos *mítico* e *lendário* também os podem aproximar dos adjectivos anti-restritivos, no sentido em que (58) lhes é aplicável, pelo menos relativamente ao mundo entendido como mundo real. Veja-se a relação entre as frases:

- (61) (i) Os unicórnios são animais {míticos/lendários}
(ii) Os unicórnios não são animais (verdadeiros).

O tratamento destes adjectivos, que exige provavelmente o recurso à noção de mundos possíveis, encontra-se fora do escopo do presente trabalho.

4.2. ADJECTIVOS POTENCIALMENTE RESTRITIVOS

Esta última classe de adjectivos constitui um subgrupo dos adjectivos não-restritivos e caracteriza-se por não nos permitir, a partir de uma expressão com a forma [AN(a)], fazer qualquer inferência acerca da verdade ou falsidade da proposição [N(a)]. Ou seja, podemos defini-los como expressões que não denotam nem funções restritivas (cf.(53)) nem funções anti-restritivas (cf.(57)) e que não obedecem, portanto, nem à condição (54) nem à condição (58).

Assim sendo, a identificação dos adjectivos potencialmente restritivos poderá ser feita através de (62):

- (62) Se uma frase como (62)(i) implica necessariamente (62)(ii), então o adjectivo que nelas ocorre é potencialmente restritivo. Caso contrário, o adjectivo não pertence a essa classe:

- (62) (i) SN é um N ADJ.
(ii) É possível que SN seja um N (e é possível que não seja).

Um exemplo de um adjectivo com este comportamento é *presumível*, visto que, por exemplo, o presumível assassino de uma pessoa pode ou não ser, na realidade, o assassino dessa pessoa.

Em termos conjuntistas, o que não sabemos quando temos um adjectivo deste tipo é qual é a relação existente entre os conjuntos correspondente ao domínio e ao contradomínio da função por ele definida, sendo que entre eles se pode estabelecer uma de três relações: (a) relação de inclusão total (do contradomínio no domínio), como nos adjectivos restritivos; (b) relação de disjunção total como nos adjectivos anti-restritivos; (c) relação de inclusão parcial, caso só admissível com este tipo de adjectivos. Uma relação do tipo da designada em (c) é a que teríamos associada à frase *o Paulo e o Jorge são os presumíveis assassinos da Maria* num mundo em que apenas um dos dois indivíduos designados fosse realmente assassino da Maria. De um ponto de vista lógico, o que estes adjectivos exprimem são estas diferentes possibilidades na relação entre os conjuntos correspondentes ao domínio e contradomínio da função. De um ponto de vista lexical, apresentam obviamente outros valores, diferentes para cada membro da classe. Segue-se uma lista de adjectivos que pertencem a esta classe (com contextos ilustrativos):

- *potencial*, em *potencial vencedor*
- *possível*, em *possível vencedor* ou *possível solução*
- *provável*, em *provável vencedor* ou *provável solução*
- *suposto*, em *suposto assassino*
- *alegado*, em *alegada má-fé*
- *hipotético*, em *hipotética solução*

5. CONCLUSÃO

Para finalizar, retomaremos as questões enunciadas na secção introdutória e as conclusões a que se chegou. Creio que é possível defender uma caracterização sintáctico-semântica uniforme para as várias subclasses de expressões adjectivais consideradas em KEENAN & FALTZ 80 e ÅQVIST 81. Todas elas se caracterizam por pertencerem ao tipo lógico (extensional) ((e,t),(e,t)) e à categoria sintáctica (funcional) CN/CN. Algumas expressões podem ser integradas em mais de uma subclasse (inclusive, intersectiva e não-intersectiva), o que constitui possivelmente mais um argumento a favor do tratamento unificado destas expressões. A possibilidade de identificar os membros destas subclasses baseia-se essencialmente na existência de propriedades inferenciais distintas para cada uma delas, não parecendo existir propriedades distribucionais distintivas das mesmas. Estamos assim perante uma (sub)classificação fundamentalmente semântica da classe dos adjectivos.

REFERÊNCIAS

- ÅQVIST, L. (1981), "Predicate Calculi with Adjectives and Nouns", *Journal of Philosophical Logic*, 10, pp. 1-26.
- CASTELEIRO, J.M. (1981), *Sintaxe Transformacional do Adjectivo - Regência de Construções Completivas*, INIC, Lisboa.
- DOWTY, D.R., R.E. Wall e S. Peters (1981), *Introduction to Montague Semantics*, D.Reidel, Dordrecht.
- KEENAN, E.L. e L.M. Faltz (1980), "A New Approach to Quantification in Natural Language", in C. Rohrer (org.) (1980), *Time, Tense, and Quantifiers. Proceedings of the Stuttgart Conference on the Logic of Tense and Quantification*, Niemeyer, Tubingen.
- MONTAGUE, R. (1973), "The Proper Treatment of Quantification in Ordinary English", in Hintikka, Moravesik e Suppes (orgs.) (1973), *Approaches to Natural Language*, D. Reidel, Dordrecht. Reimp. in Montague (1974), *Formal Philosophy. Selected Papers of Richard Montague*, org. e introd. de R. Thomason, Yale University Press, New Haven.
- PERES, J.A. (1987), *Para uma Semântica Formal da Quantificação Nominal Não-Massiva*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- SIEGEL, M.E. (1976), *Capturing the Adjective*, Dissertação de PhD, University of Massachusetts.